

PROJETO DE EXTENSÃO – LIBRAS PARA CRIANÇAS SURDAS

Laura Bastos Karini ¹
Hamunatra Jaqueline Luz Soares ²
Maria Clara Morant ³
Débora Casali ⁴

RESUMO

Frequentemente, bebês e crianças surdas se apropriam da Língua Brasileira de Sinais de forma tardia, devido à falta de *input* linguístico, fenômeno causado pela aquisição da língua a partir da interação com outros usuários. Devido às barreiras de comunicação causadas pelo desconhecimento da Libras, a maioria das famílias ouvintes fica impossibilitada de propiciar aos seus filhos um ambiente favorável ao desenvolvimento linguístico da criança surda. Diante desse cenário, o Instituto Federal de Santa Catarina, no Campus Palhoça Bilíngue, devido ao seu trabalho na área do bilinguismo Português-Libras, presta atendimentos de assistência linguística à comunidade. O presente projeto de extensão "Libras para crianças surdas" atende, no momento, quatro crianças surdas com idades entre 4 e 9 anos. Os atendimentos pedagógicos do projeto têm como objetivo promover o aprendizado da Libras em bebês e crianças surdas, de modo que possam oferecer momentos para que essas crianças convivam e se apropriem de sua língua materna e se aproximem de suas famílias, que buscam uma possibilidade de comunicação com os filhos. Os responsáveis das famílias das crianças têm a oportunidade de aprender a Libras durante os atendimentos da criança. Sob a orientação de uma professora do curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Libras-Português), recebem instruções sobre como utilizar a língua no cotidiano. Os atendimentos pedagógicos bilíngues são desenvolvidos no Laboratório de Pedagogia Bilíngue (LAPEBI) do IFSC-Campus Palhoça e são conduzidos por discentes do curso. Após um ano e seis meses de execução, o projeto apresentou impactos positivos nos participantes e os dados coletados estão em processo de análise. Observa-se um progresso satisfatório na aquisição da Libras, conforme as etapas descritas por Quadros (1997).

Palavras-chave: Bilinguismo, Aquisição de Linguagem, Pedagogia Bilíngue.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia Bilíngue do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, laura.bg@aluno.ifsc.edu.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia Bilíngue do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, hamunatra.s@aluno.ifsc.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia Bilíngue do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, maria.cmg@aluno.ifsc.edu.br;

⁴ Mestre em Saúde e Gestão do Trabalho pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Docente do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, debora.casali@ifsc.edu.br;



A aquisição de linguagem é um processo essencial no desenvolvimento humano, permitindo a comunicação, a expressão de ideias e a construção de relações sociais. No caso das pessoas surdas, são enfrentadas diversas barreiras comunicativas durante todo percurso social de suas vidas. Segundo Behares (1996), 95% dos surdos nascem em famílias de ouvintes. Existe a percepção social da surdez enquanto patologia, em que as famílias ouvintes buscam a cura de forma incansável, expondo seus filhos a aparelhos auditivos e tratamentos fonoaudiológicos, com a perspectiva que o sujeito surdo possui uma deficiência. Partimos da concepção de que surdo não é apenas uma pessoa que não ouve, como cita Skliar (1998) “O surdo tem diferença e, não, deficiência”. A forma de comunicação das pessoas surdas é visuo-espacial, logo, é de suma importância que a Libras seja reconhecida com sua devida complexidade, pois se constitui enquanto uma língua que contempla os critérios visuais, gramaticais, fonéticos e fonológicos. A comunidade surda deve ser valorizada pelo seu contexto sócio-histórico marcado por lutas, resistência e movimentos políticos legislativos.

A partir disso, entende-se que a Língua Brasileira de Sinais (Libras), é a língua materna das pessoas surdas, sendo constituída enquanto sua L1 (Língua Primeira), e o Português escrito sua L2 (Língua Segunda). Analisando o panorama de que a maioria das crianças surdas nascem em famílias ouvintes com o desconhecimento da Libras, essas crianças têm o primeiro contato com sua língua apenas no ambiente escolar, onde são obrigadas perante a lei a serem matriculadas aos 4 anos. São inúmeros os prejuízos e atrasos de desenvolvimento que uma criança possuirá sendo privada de comunicação e de conhecimento de mundo. A falta de *input* linguístico, que se constitui no contato com usuários da língua de forma natural, dificulta o progresso da L1 nas crianças surdas. Segundo Quadros (1997), as línguas de sinais possuem, como as línguas orais, um período crítico de aquisição. Ou seja, um período que se configura como mais adequado para a aquisição da primeira língua. A Libras, idealmente, deveria ser aprendida em um contexto natural, possibilitando que o Português escrito seja aprendido em um contexto formal. Dentro da realidade brasileira, o contato com a Libras para as crianças e adolescentes surdos se dá de forma tardia e formal, pois a maioria das famílias opta pelo atendimento Fonoaudiológico e pela tentativa de oralização desde a primeira infância.

Diante da consciência desse cenário, o Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Palhoça Bílingue criou, no ano de 2023, o projeto de extensão “Libras para crianças surdas”, protagonizado por uma docente do curso de Pedagogia Bílingue, como uma iniciativa de proporcionar esse contato com a Libras durante a infância. O referido projeto busca proporcionar a essas crianças o contato natural com a Língua Brasileira de Sinais,



intermediados por atendimentos pedagógicos bilíngues, que são realizados por discentes do curso, nos quais utilizam recursos lúdicos e ocasionais. Dentro da conjuntura organizacional dos planejamentos, existe uma grande valorização pela proposta lúdica, pois como cita ALVES (2004), “[é] brincando que se aprende”. O uso da ocasionalidade durante o atendimento pedagógico bilíngue é essencial, visto que a criança não domina sua própria língua e é preciso adequar o atendimento de acordo com a disponibilidade e a flexibilidade que a mesma apresenta durante o percurso. Saber usar da ocasionalidade de forma positiva proporciona aos discentes e as crianças o cenário de uso da língua para além de um contexto formal, podendo aproveitar da oportunidade adversa ao planejamento para o ensino de sinais.

Além disso, os responsáveis pelas crianças têm a oportunidade de aprender a Libras durante a realização desses atendimentos, em um ambiente externo ao Laboratório de Pedagogia Bilíngue (LAPEBI), para utilização da língua no seu cotidiano. Proporcionando à criança que está tendo a intervenção pedagógica em um ambiente educacional o contato com a língua de sinais no contexto familiar. Os atendimentos pedagógicos acontecem toda terça-feira, sendo três atendimentos ao dia com crianças que intercalam entre si suas presenças no laboratório. Atualmente, são atendidas quatro crianças com idade entre quatro e nove anos.

METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender o processo de aquisição da Libras como L1, proporcionando um ambiente favorável para o desenvolvimento individual e social da língua materna. A pesquisa adotou um modelo de estudo de caso, realizado pelas discentes do curso de Pedagogia Bilíngue Libras-Português, com a orientação de uma docente do referido curso. A coleta de dados foi realizada durante os atendimentos pedagógicos das crianças participantes do projeto durante o segundo semestre de 2023 e o ano de 2024, individualmente, por meio de intervenções linguísticas e análise dos relatórios produzidos de cada atendimento. Neste artigo serão utilizadas as iniciais dos nomes de todas as crianças participantes, a fim de preservar suas identidades, permitindo a análise e discussão dos dados coletados sem expor informações pessoais.

São atendidas quatro crianças, A. C. (4 anos) e A. S. (9 anos), ambos com surdez bilateral, G. K. (6 anos) que possui surdez unilateral e Y. D. (7 anos) que possui perda auditiva. Os planejamentos dos atendimentos são feitos de forma específica e individual, considerando o período linguístico que se encontra cada criança. Assim, proporcionando a cada um atividades condizentes com suas necessidades e conhecimentos prévios da língua.



Em um local externo, durante os atendimentos realizados no Laboratório de Pedagogia Bilíngue (LAPEBI), com duração de uma hora e trinta minutos, são ofertadas aos responsáveis dos participantes aulas de Libras, ministradas pela docente orientadora do projeto, com a intenção de proporcionar às crianças atendidas o acesso a Libras no âmbito familiar, de forma informal. Como argumenta Quadros (1997), a aquisição da língua de sinais se dá de forma natural, como as línguas orais, quando a criança está exposta a língua no seu cotidiano. Filhos de pais surdos utilizam a língua de sinais não só para comunicação com a criança, mas também para comunicação com seus amigos, familiares, entre outros. Enquanto os pais ouvintes utilizarão da Libras apenas para a comunicação com a criança, dessa forma, não expondo a criança a sua língua primeira informalmente. Dentro desse cenário, que se encontra em um local distante considerando a realidade brasileira em que a maioria dos responsáveis pelas crianças surdas optam pelo atendimento fonoaudiólogo, ainda assim a criança surda terá um desenvolvimento deficiente da língua, pois teria acesso limitado ao processo de familiarização da L1.

Para as crianças, o atendimento é realizado com base no planejamento elaborado anteriormente, disponibilizando uma diversidade de atividades e materiais, para que a criança tenha seu *input* linguístico da forma mais natural possível, considerando que são realizados em um ambiente formal. Contudo, é de responsabilidade das discentes responsáveis pela condução das atividades pedagógicas, respeitar a ocasionalidade e a singularidade da criança, utilizando a seu favor a situação distinta do planejamento para o ensino de sinais adequados ao novo cenário.

A partir do andamento do atendimento, no mesmo documento em que foi escrito o planejamento, é produzido o relatório especificando os acontecimentos, a receptividade da criança às atividades propostas e os sinais produzidos naquele dia. Com base nisso, são realizadas reuniões entre as discentes e a docente orientadora, para análise do período aquisitivo de linguagem que cada criança se encontra, para que as discentes sejam capazes de realizar propostas condizentes com o conhecimento que a criança apresenta. Leva-se em consideração se a criança atendida é exposta a língua em outros ambientes, formais e informais, pois o desenvolvimento se dá de forma adversa às crianças que não são expostas, exigindo uma atenção diferenciada a cada situação.

REFERENCIAL TEÓRICO



O projeto de extensão “Libras para Crianças Surdas” tem como objetivo ensinar a Libras para bebês e/ou crianças surdas, proporcionando momentos de convivência com a língua de sinais. De acordo com o livro *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior* (vol. 1), “O ambiente linguístico rico em Libras, portanto, é um fator importante para que bebês e crianças surdas tenham a oportunidade de adquirirem a Libras, desenvolverem-se da melhor forma possível, construírem sua identidade surda e terem acesso à cultura surda” (Stumpf; Linhares, 2021, p. 36).

Em sintonia, Quadros e Cruz (2011) desenvolveram estudos sobre a aquisição da linguagem, concluindo que quanto mais cedo a criança adquire a língua de sinais, mais são os benefícios no seu desenvolvimento: crianças com aquisição precoce apresentaram vocabulário mais estável e consistente, mais classificadores e têm mais chances de utilizar os referentes no discurso adequadamente. Ainda segundo as autoras, a avaliação diagnóstica da linguagem das crianças é muito importante para que ações pedagógicas possam ser planejadas de maneira adequada e coerente. A avaliação pode ser da compreensão da criança e da sua produção/expressão. Tal diagnóstico pode ser realizado por uma avaliação formal, que utiliza a aplicação de instrumentos padronizados, como formulários, ou pela avaliação informal, ou seja, por meio da observação do comportamento linguístico da criança durante as interações. Tudo referente à língua pode ser observado, os níveis fonológico, semântico, morfológico, sintático/discursivo, o uso de classificadores, o tipo de narrativa, a organização e a quantidade dos fatos narrados, a compreensão de metáforas, prosódia, entre outros.

A interação linguística precisa ocorrer de maneira contextualizada e adequada à idade da criança. Nogueira e Bissoli (2017, p. 97), a partir de uma perspectiva histórico-cultural defendem que “a fala, [...], é um processo interno que tem origem externa, nas relações humanas. À medida que se comunica com as pessoas, a criança aprende a usar as palavras produzidas histórica e coletivamente, de forma cada vez mais individualizada”. Nesse sentido, a criança, independentemente da idade que possua, precisa ser considerada um sujeito participante da interação, mesmo que suas respostas sejam por meio de expressões faciais e corporais. A exploração dos objetos é importante desde que mediada linguisticamente por alguém mais experiente.

A fim de oferecer um ambiente propício para o desenvolvimento linguístico da criança, é utilizado como referencial teórico para o planejamento das propostas pedagógicas e acompanhamento do período linguístico de cada participante, a teoria de Quadros (1997) que discorre sobre o processo de aquisição de linguagem ser separado em fases. Segundo a autora,



a primeira fase se chama “período pré linguístico”, o qual se caracteriza pelo reconhecimento do balbucio manual. Em sequência, o “estágio de um sinal” em que a criança utiliza de um único sinal com a intenção de comunicar uma frase inteira, por exemplo, usa o sinal de “ÁGUA” para expressar “eu quero água”. Posteriormente, no “estágio das primeiras combinações” a criança começa a utilizar frases com mais de um elemento (sinal), e em seguida parte para o “estágio de múltiplas combinações” também chamado de explosão de vocabulário, fase em que a criança apresenta facilidade na construção de discurso.

Em diante da relevância das análises teóricas, destaca-se que a aquisição da Libras se apresenta com maior ênfase nas crianças surdas que são expostas a uma ampla variedade de ambientes com pessoas sinalizantes, o que contribui positivamente para a construção de suas identidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fundado na teoria de Quadros (1997), atualmente, a A. C. se encontra na fase de múltiplas combinações. Participa do projeto Libras para Crianças Surdas desde o segundo semestre de 2023, quando se encontrava no período pré linguístico, apresentando apenas a produção de sinais caseiros (sinais que não são reconhecidos como parte da Libras, são criados a partir de gestos, geralmente em ambiente familiar), e inquietude durante os atendimentos, principalmente ocasionado pela barreira da comunicação. Evoluiu a partir da flexibilidade das discentes nos planejamentos, considerando os seus interesses individuais por brincadeiras, esportes e/ou atividades. Para que, gradualmente, fosse realizada a transição entre o enfoque apenas nos interesses, para atividades pedagógicas diversas, considerando datas comemorativas, aniversário, propostas pedagógicas em relação ao alfabeto, números, entre outros.

G. K começou no projeto no primeiro semestre de 2024, quando estava na fase de um sinal, e no momento se encontra na fase de múltiplas combinações. O processo de Y. D. acontece de forma diferente dos demais participantes, como o processo de G. K., pois as duas crianças possuem a língua portuguesa como língua primeira, e estão em processo de aquisição da Libras como língua segunda, por não serem surdas bilaterais, existe um contato considerável com a língua portuguesa em prioridade, pois os responsáveis de G. K. são ouvintes e a criança frequenta escola regular. No início dos atendimento, G. K. apresentava dispersão e falta de interesse pelas atividades propostas. Com o decorrer do ano, criou laços



com as discentes instrutoras do projeto, o que facilitou a sua participação para realização dos planejamentos.

Y. D. iniciou no projeto no segundo semestre de 2024, apresentando-se na fase de primeiras combinações, já possuindo um conhecimento prévio da língua por ter estudado em uma escola bilíngue. Participa ativamente das atividades propostas, têm dificuldades com a língua que se relacionam às dificuldades que possui na língua portuguesa.

A. S. também adentrou o projeto no segundo semestre de 2024, o qual está sendo exposto a língua de forma tardia, por ter nove anos e estar tendo seu primeiro contato com a Libras. O mesmo iniciou os atendimentos na fase de um sinal, e nela se mantém.

Três, das quatro crianças atendidas, possuem algum tipo de transtorno do neurodesenvolvimento, necessitando de uma abordagem que considere as limitações neurológicas de cada um.

O projeto está em andamento, consequentemente os resultados estão em processo de desenvolvimento e análise pelas discentes e pela docente orientadora. O projeto se encontra aberto para a comunidade, podendo a qualquer momento alterar o número de crianças participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões apresentadas anteriormente, pode-se concluir que o processo de aquisição de linguagem de crianças surdas se dá majoritariamente de forma tardia, pela falta de *input* linguístico. Cerca de 95% das crianças surdas nascem em famílias de pais ouvintes não sinalizantes, que são influenciados pela visão patológica da surdez, ocasionando a exposição da criança a tratamentos fonoaudiológicos, sendo oportunizado o contato com a língua de sinais posteriormente apenas no ambiente escolar.

Analisando os estudos na área do bilinguismo, entende-se que a Língua Brasileira de Sinais ocupa o local de primeira língua das pessoas surdas no Brasil, enquanto o Português escrito, o local de segunda língua. O Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Palhoça Bilíngue, com a protagonização de uma docente do curso de Pedagogia Bilíngue (Libras-Português) e as discentes bolsistas, proporcionam atendimentos pedagógicos bilíngues para as crianças surdas da comunidade da Grande Florianópolis, no projeto de extensão “Libras para Crianças Surdas”.

A relevância do tema vai além do campo acadêmico, pois os resultados dos atendimentos pedagógicos bilíngues afetam diretamente no desenvolvimento linguístico e



social das crianças surdas participantes do projeto de extensão e seus familiares. Os atendimentos são planejados levando em consideração o referencial teórico, e também dedicando-se a apresentar para as crianças participantes diversos tipos de letramentos que são privados a elas no cotidiano pela barreira da comunicação.

O projeto de extensão está em andamento, não tem perspectiva de finalização e apresenta resultados satisfatórios no desenvolvimento cognitivo, linguístico, social e emocional das crianças participantes. Futuramente, como forma de continuidade do trabalho realizado, abre-se a possibilidade de estudos direcionados ao processo de aquisição da Libras enquanto L2 de crianças ouvintes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, p. 12-41, 2004.

BEHARES, Luis E. **Aquisição da linguagem e interação mãe ouvinte-criança surda**. In: Repensando a educação da criança surda. (org.) Instituto Nacional de Educação de Surdos INES. Divisão de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1996.

GROLLMUS, Nicholas S.; TARRÉS, Joan P. **Relatos metodológicos**: difractando experiências narrativas de investigación. Forum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, mayo 2015. Disponível em: <file:///home/ifsc/Downloads/FQS_16_2_Sch%C3%B6ngut+Grollmus_Stories-about-Methodology_-Diffracting-Narrative-Research-Experiences.pdf> Acesso em: 25 nov. 2024.

NOGUEIRA, Arlene Araújo; BISSOLI, Michelle de Freitas. Compreendendo o desenvolvimento da fala no interior da creche. In: COSTA, Sinara Almeida da; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores**. Curitiba/PR: CRV, 2017. p. 97-114.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; CRUZ, Carina Rabello. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: ARTMED, 2011.

SKLIAR, Carlos et al. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, v. 3, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi; LINHARES, Ramon Santos de Almeida et al. **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilingue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior**, Vol. 1 [livro eletrônico]. Petrópolis, RJ : Editora Arara Azul, 2021.

